

Ozarfaxinars

 e- revista ISSN 1645-9180

Nº 18 O Papel dos Pais na Escola

1

Apenas uma estória

Adélia Silvestre ()*

“O Professor liga-se à eternidade. Ele nunca sabe quando cessa a sua influência.”

Henry Adams

Muito se tem escrito acerca da importante equação Escola-Pais.

Muitos são os que dizem, sobretudo em sessões públicas, ser esta interacção o segredo para resolver os problemas do insucesso escolar!

Poucos são os que reflectem realmente sobre a questão, sobretudo os directamente implicados - Pais/EE, Professores e Alunos -, no sentido de, em conjunto, colocarem os problemas e partirem para a acção, isto é, para a construção de um projecto em que todos sejam agentes e agidos, colaborem activa e interactivamente com papéis objectivamente definidos, com desempenhos em permanente auto-avaliação para que a meta, antes de produto acabado, se constitua num processo equacionado em pensamento-acção que permanentemente se pensa!

O senso-comum, que a prática não desmente, demonstra que os professores vêm exercendo, há décadas, papéis que não lhes competem: assumem-se como pais e educadores!

Ora, esta atitude não é correcta, nem saudável...

É verdade que a Escola é um prolongamento da casa, da família, mas não se deve confundir com ela. Ser o prolongamento do lar significa que é um espaço onde o aluno se socializa com os outros e partilha a sua rotina pessoal. Mas, acima de tudo, é importante que todos estejam conscientes de que a Escola é, antes de tudo, um local de trabalho.

Aqui, o verdadeiro problema: os alunos chegam à Escola sem que tenham sido educados no sentido de que aprender rima com fazer, refazer, desfazer...isto é, trabalhar para aprender!

Os Pais/EE mandam os jovens para a Escola, muitos porque sim outros para que “venham a ser alguém”!

Os Professores estão na Escola para educarem: ensinarem modos aceitáveis de ser e estar, respeito pelos outros que inclui respeito pelo trabalho do próprio professor!!!

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 18 O Papel dos Pais na Escola

2

Por estas, e muitas mais razões, conclui-se que Pais/EE e Professores têm urgentemente que dividir responsabilidades na criação de uma relação de trabalho que concilie a aprendizagem e a socialização dos jovens.

Devem, por isso, caminhar juntos para a construção de um modo de educar, devem ensinar para também aprender.

Muitos desacreditam, poucos aderem porque partem do pré-conceito da impossibilidade do trabalho em conjunto com os Pais/EE e com os alunos...

É possível, na prática, esta colaboração: Pais/EE – Alunos – Professores?

É!

Com uma condição: ser professor não é função, é instinto... Um saber-ser que não se condiciona ao suporte meramente técnico da profissão, mas que nela se envolve, deixando-se também envolver na disponibilidade para ouvir, dialogar, procurar soluções. É este o instinto que uns têm e outros não, é este o saber-fazer que se prepara demoradamente, quotidianamente na certeza de que se trata de um ir fazendo por tentativa e erro, ao abrigo de sarcasmos, críticas dos indisponíveis e na certeza de que “uma pulga não faz parar um comboio mas incomoda o maquinista”...

A estória

Foi assim...

No ano lectivo de 2007/2008 chegaram ao 10º ano de escolaridade vinte e oito meninos com razoáveis classificações obtidas no ensino básico.

O primeiro período foi decorrendo, não sem alguns percalços, e a avaliação dos fazeres quotidianos ia profetizando classificações jamais esperadas por estes alunos e respectivos pais.

Assim foi, as classificações obtidas foram desastrosas, sobretudo se comparadas com as obtidas até ao final do 9º ano.

Reunião com os Pais/EE em Janeiro: no palco dois actores – os Pais, que queriam perceber, a Directora de Turma que tinha que explicar.

Havia que decidir, antes de mais, se haveria discussão se diálogo em busca de modos de solução. Optámos pelo diálogo e foi assim que, a partir deste momento, todos puderam falar, todos puderam ouvir, todos desejámos compreender.

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 18 O Papel dos Pais na Escola

3

De tudo o que se disse, sublinharam-se problemas a serem resolvidos com urgência: a necessidade de mais rigor e responsabilidade por parte dos alunos relativamente ao trabalho; a urgência de acompanhar contínua e continuamente o ir-fazendo; a preocupação por um trabalho mais sistemático e sistematizado. Tudo isto conjugado com o saber-estar na aula para saber estudar em casa.

Nesta primeira sessão, a Directora de Turma, em tom de brincadeira (porque o ambiente se foi construindo em bem-estar, em quase cena familiar...), terminou dizendo “Parece-me que estamos a precisar de construir uma “Escola de Pais”!

Em encontros periódicos, ia-se fazendo o balanço dos progressos, que realmente se foram verificando, mas pressentia-se que havia questões a abordar para que a viagem chegasse a bom porto.

No início do ano lectivo seguinte, os mesmos Pais e a mesma Directora de Turma voltaram a encontrar-se e, como há sempre quem tenha boa memória, alguém, em tom simpaticamente retórico, interrogou: “Então quando começamos com a nossa “Escola de Pais”?

E começámos mesmo!

Quase todas as terças-feiras, pelas 18,30h, lá estávamos. No início alguns, depois outros mais e a verdade é que a “turma”, assídua e exigente, propôs temas a trabalhar, aceitou outros e outros ainda foram surgindo ao sabor do tempo e propiciados por uma “Escola dos afectos” que emergiu porque todos faziam perguntas, levando a Directora de Turma a chamar quem soubesse indicar caminhos.

Assim, a primeira sessão foi conduzida pela Psicóloga da Escola no sentido de explicar aos Pais o que caracteriza a adolescência, quando e como se deve negociar pedidos (nunca exigências), quando e como se deve dizer NÃO!

Depois, levantado o problema de que os alunos não sabem estudar, nem programar o seu trabalho (nesta altura os alunos da turma passaram a frequentar também estas sessões de trabalho), uma mãe, que simultaneamente é professora, investigadora e autora de um livro sobre métodos de estudo, orientou duas sessões em que elencou métodos e técnicas de estudo, assim como mostrou a necessidade de se organizar um horário periódico de trabalho.

Pais e filhos ouviram atentamente e discutiram em conjunto as propostas, equacionando-as conforme as necessidades específicas de cada um. Por isso, levaram trabalho para casa!

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 18 O Papel dos Pais na Escola

4

Seguiu-se a ida dos professores da turma a algumas sessões com o objectivo de, em trabalho colaborativo, proporem métodos de estudo agora vocacionados para a especificidade de cada uma das disciplinas.

E assim foi sendo a “Escola de Pais”!

Os papéis de cada um foram assimilados e assumidos e o que daí decorreu foi uma menor ansiedade por parte dos alunos, trabalho inter-pares (a solidariedade entre os jovens foi um dos valores que mais se evidenciou); supervisão, em casa, no que respeita à organização e prossecução do horário de trabalho; ambiente favorável nas aulas para a interacção permanente professor-aluno no sentido da resolução dos problemas que iam surgindo.

Os alicerces foram lançados, o edifício começou a erguer-se, agora sem grandes receios já que todos tínhamos compreendido que a soma do trabalho das partes é que originaria o Todo desejado – aprender a aprender, adquirir autonomia, espírito crítico e de iniciativa. Isto é, todos tiveram que passar além da dor para virem a passar o Bojador.

Hoje, estes meninos estão quase a terminar o Ensino Secundário. Ainda há problemas por resolver? Há. Por desleixo, por falta de motivação associada às frágeis expectativas em relação ao futuro próximo, porque...se numa simples bolota se consegue ver toda a floresta também é verdade que nem todas as árvores têm a mesma força.

O breve(?) relato que aqui se fez prova que o conhecimento do que se passa na Escola, quais os seus princípios educativos e quem são os seu agentes, capacita os Pais a participarem mais activamente na vida escolar dos filhos, vendo que a interacção contínua entre todas as partes envolvidas é que dá sentido à Escola e produz necessariamente sucesso escolar e, sobretudo, educativo.

Em jeito de conclusão

Uma sociedade que não aposta preferencialmente na formação e educação dos seus cidadãos está votada ao fracasso, hipoteca inexoravelmente o futuro...

Mas não bastam sistemas educativos perfeitos em letra de forma, é preciso dar-lhes forma: convivendo com a diferença, dialogando com todos, atribuindo a cada sector a sua autoridade específica e, sobretudo, fazendo o agente agir sobre o agido.

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 18 O Papel dos Pais na Escola

5

O mesmo é dizer que:

- Ser Professor é ter a capacidade de “sair de cena, sem sair do espectáculo”.

- Ser Pai é ser aluno, contar, ler...
Ser professor, corrigir, explicar...
É ensinar sempre a aprender!
É aprender sempre a ensinar
(Desconhecido)

- Ser Jovem é viver/ é nunca desespérer/ é cada dia crescer/ e é saber partilhar.

Num qualquer dia do mês de Abril de 2010

(*) Professora do Ensino Secundário da Escola Secundária João Gonçalves Zarco.